

## O ENSINO DA GEOGRAFIA AGRÁRIA E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ENTREVISTA COM PROFESSORES DAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL<sup>1</sup>

Rodrigo Simão Camacho<sup>2</sup>

rogeo@ymail.com

### RESUMO

Os professores das séries/anos iniciais do ensino fundamental têm muitas dúvidas a respeito do ensino de geografia agrária. Em seu processo de formação acadêmica e de educação continuada estas questões não foram construídas de maneira satisfatória. Assim, vamos conhecer o que os professores pensam acerca desse assunto a partir de uma pesquisa com os docentes da escola Raquel Jane Miranda, no município de Paulicéia/SP, no ano de 2005. As principais questões que foram lançadas para o debate estão relacionadas ao ensino da geografia, a questão agrária, aos pressupostos teórico-metodológicos da geografia e ao PCN de geografia. Com esta pesquisa pudemos dar voz aos professores para expressarem sua opinião sobre o assunto e assim tentamos encontrar quais são suas maiores dificuldades para que o ensino de geografia agrária nas séries/anos iniciais do ensino fundamental ocorra de maneira plena.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino de Geografia, Geografia Agrária, PCN de Geografia, Séries Iniciais, Formação de Professores.

### RESUMEN

Los profesores de las series/años iniciales de la enseñanza fundamental tienen muchas dudas sobre la enseñanza de la geografía agraria. En su proceso de formación académica y de la educación continua estas cuestiones no se desarrollaron satisfactoriamente. Por lo tanto, vamos conocer lo que piensan los profesores acerca de esto asunto desde una pesquisa con los

---

<sup>1</sup> Este texto é resultado de uma parte da pesquisa de Dissertação de Mestrado, concluída em abril de 2008 pelo curso de Pós-Graduação em Geografia da UFMS/Campus de Aquidauana. Sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosemeire A. de Almeida. Com o título “O ensino de geografia e a questão agrária nas séries iniciais do ensino fundamental”.

<sup>2</sup> Doutorando em Geografia pela Universidade Estadual Paulista - UNESP/FCT.

profesores de la escuela Raquiel Jane Miranda, en el municipio de Paulicéia/SP, en 2005. Las principales cuestiones que fueron puestos en discusión están relacionadas con la enseñanza de la geografía, la cuestión agraria, los presupuestos teórico-metodológicos de la geografía y el PCN de la geografía. Con esta pesquisa conseguimos dar voz a los profesores para expresar su opinión al respecto del asunto y así intentar encontrar cuáles son sus mayores dificultades para que la enseñanza de la Geografía Agraria en las series/años iniciales de la enseñanza fundamental ocurra plenamente.

**PALABRAS CLAVES:** Enseñanza de Geografía, Geografía Agraria, PCN de Geografía, Series Iniciales, Formación de Profesores.

## INTRODUÇÃO

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Raquiel Jane Miranda é a única que atende alunos de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> séries em todo o município de Paulicéia. Foi criada no dia 18 de novembro de 1991, era uma escola estadual que foi municipalizada em 02 de agosto de 1999. O total de alunos atendidos nesta unidade escolar em 2001 era de 518 alunos. Já no ano de 2006 constatamos em nossa pesquisa, junto à secretaria da escola, que o número de alunos era de 451, um decréscimo relacionado à própria diminuição da população do município. Dentre as diferentes realidades que a escola comporta, destacam-se os alunos oriundos de acampamentos e assentamentos que partilham suas experiências com os alunos da área urbana.

A fim de auxiliarmos no processo de construção de uma outra prática educativa e de uma outra geografia escolar, se faz necessário, conhecermos quem são os profissionais da educação que estão inseridos no cotidiano escolar mediando o processo educativo juntamente com os seus educandos.

Por isso, entrevistamos os professores da escola EMEF Raquiel Jane Miranda, no município de Paulicéia/SP, no ano de 2005. Estes, por meio de um questionário semi-estruturado, nos deram suas opiniões a respeito do ensino da geografia, da questão agrária, dos pressupostos teóricos metodológicos da geografia e do PCN de geografia.

Com essa entrevista, em questionário semi-estruturado, pretendemos refletir se o professor, que não tem uma formação específica em geografia e/ou em Educação do Campo, conseguiu durante seu curso universitário, e durante sua educação continuada, apreender a complexidade das relações e contradições existentes no campo e as especificidades dessas relações estabelecidas pelos seus sujeitos, tendo em vista a construção de uma educação adequada à condição socioterritorial dos mesmos.

Também, tentamos entender qual é o envolvimento que o professor das séries iniciais do ensino fundamental, formado em pedagogia, tem com o conhecimento geográfico e, mais especificamente, qual é a influencia do PCN de geografia em sua atuação profissional, principalmente, no que se refere aos pressupostos teórico-metodológicos.

A partir dessas premissas, pretendemos auxiliar na construção de uma educação e de um ensino de geografia comprometidos com a transformação social. Que consiga questionar a desigualdade e a opressão existente na essência do modelo de sociedade moderna classista/capitalista globalizada que temos hoje.

## **A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES**

Para Miguel Arroyo (2000) os professores são portadores de um ofício que é um saber-fazer específico, relacionado a um saber profissional qualificado que engloba um conjunto de segredos e saberes, logo somente com o aprendizado destes saberes o trabalho em sala de aula pode ser realizado. Por isso, o ofício de mestre deve ser carregado de uma identidade de orgulho, como os artesões do passado. Tendo em vista que a tecnologia e o livro didático não superam a artesanidade inerente as relações educativas de acompanhamento e condução dos processos de socialização, formação e aprendizagem dos educandos. A tecnologia não é capaz de superar a perícia dos mestres de ofício

Nesta perspectiva, segundo Fernando Hernandez (1998) não ocorrerá mudanças significativas no ensino se não houver o reconhecimento da importância do professor e se não forem modificadas as suas condições de trabalho, pois estas condições atuais não são motivos de orgulho e comemoração, mas sim de raiva, lamento e pena.

Esta mudança com relação aos professores é um aspecto imprescindível, tendo em vista que os professores são os profissionais responsáveis por dirigir o processo de ensino-aprendizagem em sala de aula, isto quer dizer que possuem uma extraordinária responsabilidade na produção

de uma educação transformadora que trabalhe com realidade de seus educandos.

Precisamos, por isso, de professores comprometidos com o processo de humanização de camponeses, trabalhadores, oprimidos, excluídos, crianças e jovens. É o olhar pedagógico sobre os seres humanos se tornando sujeitos sociais. É o que Arroyo (2000) denominou de “humana docência”, ou seja, “precisamos ensinar e aprender a ser humanos”. Uma proposta freireana de considerar o educando bem mais que um simples aluno, mas um ser humano inserido em uma comunidade socioeducativa.

Daí a importância da nossa prática docente não reproduzir a sociedade estratificada/injusta/discriminatória capitalista, nem para os trabalhadores da educação e nem para os educandos das camadas subalternas (ARROYO, 2000). Entretanto, para atingir os nossos objetivos, precisamos ter lecionando na Educação Básica professores envolvidos com o processo de transformação social e que não sejam manipulados pelos meios de comunicação. Se o contrário ocorrer, não há como a escola formar um cidadão crítico, porque...

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar, capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. [...].  
Faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo. (FREIRE, 1999, p.28-29).

Paralelo a este envolvimento com a transformação social, o professor necessita ter uma formação de qualidade para que possa dirigir, de maneira

adequada, o processo de ensino-aprendizagem. No entanto, a realidade não é esta, visto que os professores, normalmente, possuem uma formação acadêmica deficiente nas disciplinas específicas. Situação muito bem retratada por Straforini: “Sabemos que há grandes lacunas na formação dos professores primários dentre as quais se destacam a quase nula formação teórico-conceitual das disciplinas de História, Ciências (Biologia, Física e Química) e, [que] nos interessa, na Geografia. [...]”. (2004, p.78).

Concordamos com Straforini que na educação o professor deve ter o domínio dos paradigmas teórico-metodológicos das disciplinas específicas, além do domínio das teorias pedagógicas. Pois, só assim, uma ciência pode se sustentar, de maneira plena, como disciplina. Logo, é fundamental que os professores das séries/anos iniciais dominem as concepções teóricas da geografia para que possa lecioná-la às crianças de maneira satisfatória. Isso quer dizer que as universidades e o poder público precisam refletir acerca dessa questão. Em suas palavras:

Acreditamos que uma disciplina escolar só se sustenta e toma corpo quando ela se fundamenta teórica-metodológica e epistemologicamente na própria disciplina e nas teorias educacionais, ou seja, na psicologia da aprendizagem e do desenvolvimento. A busca dessa fundamentação exigirá um grande esforço dos professores das séries iniciais, das escolas, faculdades públicas e particulares e do Estado, nos seus níveis federal, estadual e municipal, representado pelas secretarias de educação e suas repartições. (2004, p.78).

Neste sentido, precisamos compreender a realidade do professor que, no caso de nossa pesquisa, leciona no Ensino Fundamental. Antes de

discutirmos a nossa pesquisa, vamos às insatisfações registradas por Pontuschka (1999, p.128) nos encontros com professores da rede: a ineficácia do ensino da geografia na formação do estudante, o livro didático como única fonte de estudo e livros didáticos produzidos para atender os interesses e lucros das editoras levando os alunos a formar conceitos não compatíveis com as transformações que se davam na ciência geográfica.

Por isso, “a grande maioria dos professores da rede de ensino sabe muito bem que o ensino atual da geografia não satisfaz nem ao aluno e nem mesmo ao professor que ministra”. (OLIVEIRA, 1994, p. 137).

Quanto ao livro didático, na qual é uma das reclamações dos professores da Educação Básica, este se tornou uma grande fonte comercial, pois se criou a chamada “indústria do livro didático”. Devido a este fato, quem se tornou a maior vítima foram os professores, visto que estes livros didáticos, devido à má formação dos professores, e a carga horária “sufocante” que subtrai boa parte do tempo do professor, se tornaram a única fonte de informação para o professor lecionar, ou seja, a sua “bíblia”. Todavia, como estes livros didáticos possuem um forte caráter comercial, não há uma preocupação em se produzir algo, cientificamente, consistente. Abarrotado de erros e, portanto, sem qualidade, este passou a caracterizar, infelizmente, a geografia que se ensina hoje.

Esse quadro abriu espaço para que a chamada “indústria do livro didático” ganhasse terreno. Foram, seguramente, os professores as vítimas deste processo. O livro didático tornou-

se a “bíblia” dos professores e nem sempre as editoras colocaram no mercado livros com um mínimo de seriedade e veracidade científicas. A grande maioria contém erros grosseiros, cuja identificação certamente daria para escrever um livro. É este material, sem qualidade aferida ou ratificada pelos círculos acadêmicos das universidades e pelos professores da rede oficial, que se tem transformado no definidor da “geografia que se ensina”. É ele que tem sido caracterizado e caracteriza o que é geografia. (OLIVEIRA, 1994, p. 137).

Por conseguinte, é a deficiente qualidade da formação do professor que tem levado este não ter condições de refletir criticamente acerca do livro didático, acreditando ser responsabilidade dos órgãos competentes a aprovação dos livros didáticos, ou seja, confiando que se o livro foi aprovado é porque o material possui condições científicas e didáticas para ser utilizado em sala de aula:

O professor de geografia (ou de estudos sociais) não tem tido condições, na maioria das vezes, para se formar dentro de um processo crítico que lhe permita também tornar-se um verdadeiro “juiz crítico” do livro didático. Passou, portanto, a ser vítima deste, partindo de uma premissa nem sempre verdadeira: “Se está publicado é bom, e está correto o que aí aparece escrito”. [...]. (OLIVEIRA, 1994, p. 138).

## OUVINDO OS DOCENTES DA ESCOLA EMEF RAQUIEL JANE MIRANDA NO MUNICÍPIO DE PAULICÉIA/SP EM 2005

Figura 01 – Localização do município de Paulicéia



Fonte: [http://pt.wikibooks.org/wiki/Imagem:SaoPaulo Municipio de Pauliceia.svg](http://pt.wikibooks.org/wiki/Imagem:SaoPaulo_Municipio_de_Pauliceia.svg)

Vamos procurar refletir a respeito do que pensam os professores das séries/anos iniciais do Ensino Fundamental no município de Paulicéia/SP a respeito do ensino da geografia e da questão agrária, bem como procurar compreender como foi a sua formação inicial e como está sendo a sua formação continuada, ou seja, suas fontes de informações atuais. Sendo assim, por meio de um questionário semi-estruturado entrevistamos seis

professores, dos 13 professores<sup>3</sup> efetivos que estão lecionando nas séries iniciais do Ensino Fundamental na escola Raquel Jane Miranda. Realizamos com eles um questionário composto com 17 questões em novembro de 2005. O resultado destas entrevistas será apresentado por meio de tabelas.

A fim de sabermos a opinião dos professores a respeito do ensino da questão agrária nas séries iniciais, perguntamos: “Qual é a importância do ensino da geografia agrária para os alunos do 2º ciclo das séries iniciais?”. Percebemos pela **Tabela 01** que os professores admitem a importância do estudo da questão agrária nas séries iniciais. Apenas uma resposta não condiz, especificamente, com o estudo da questão agrária, é aquela que aponta para o entendimento do presente, passado e futuro.

**Tabela 01 - A importância do ensino da geografia agrária para os alunos do 2º ciclo das séries/anos iniciais**

Respostas	Total
Compreensão do meio em que vivem e suas transformações	2
Entender as questões sócio-econômicas	1
Conhecer a questão agrária e desde as séries iniciais	2
Entender o presente, o passado e o futuro	1

Fonte: Professores da EMEF Raquel J. Miranda, 2005. Org.: Camacho, R.S.

Para que os professores digam qual é a dificuldade de estar ensinando esse conteúdo em sala de aula, perguntamos: “Quais são as dificuldades encontradas para que ocorra a aprendizagem desse conteúdo no 2º ciclo das séries iniciais (3ª e 4ª série)?”. Percebemos pela **Tabela 02** que eles

<sup>3</sup> Esse total quer dizer que 46% dos professores efetivos da escola foram entrevistados.

reconhecem como maior dificuldade para o ensino deste conteúdo o despreparo do professor durante sua formação acadêmica. Em segundo lugar, a falta de material didático adequado. Isso confirma a nossa análise de que os professores não estão recebendo uma boa formação e que os livros didáticos não conseguem auxiliá-los nesta tarefa. Pois, em se tratando da questão agrária e/ou Educação do Campo os livros didáticos aprovados pelo MEC, e a formação inicial dos professores, ainda deixam a desejar quanto à possibilidade de instrumentalizar o professor para o seu trabalho em sala de aula. Somente uma professora considera que esse conteúdo se torna difícil de ser ensinado devido à imaturidade dos alunos, o restante dos professores considera que o problema principal não é esse.

**Tabela 02 – As dificuldades encontradas para que ocorra a aprendizagem da questão agrária no 2º ciclo das séries iniciais**

Resultados	Total
Falta de conhecimento dos professores, sobre o assunto, em sua formação acadêmica	3
Falta de preparo dos professores e de material didático que facilite o trabalho docente	2
Falta de maturidade dos alunos	1

Fonte: Professores da EMEF Raquiel J. Miranda, 2005. Org.: Camacho, R.S.

Na Geografia Tradicional a questão agrária nunca teve a importância merecida e sempre foi tratada, ideologicamente, de maneira supostamente “neutra” porque na essência era reprodutora dos mecanismos de opressão. Por isso, perguntamos aos professores: “Atualmente, o conteúdo de geografia agrária permite a formação de um aluno crítico?”. A **Tabela 03** mostra que a

maioria dos professores acredita que a principal questão para se realizar um ensino de geografia agrária que permita a reflexão crítica está na metodologia utilizada pelo professor em sala de aula e não no conteúdo. Concordamos parcialmente com esta afirmativa, tendo em vista que um conteúdo crítico com uma metodologia de ensino-aprendizagem tradicional/positivista não traz mudanças efetivas na sociedade, pois não passa da memorização de conceitos, sem significados na prática cotidiana do aluno. Entretanto, uma metodologia progressista, construtivista, emancipatória que permita ao aluno construir o seu conhecimento com autonomia, tendo, do outro lado, uma abordagem de conteúdo tradicional, ideologicamente neoliberal, não consegue explicar a realidade de maneira plena para instrumentalizar o aluno a agir na sua realidade socioespacial de forma emancipatória. Não permite que o oprimido compreenda quem são os opressores e suas estratégias de opressão para a construção de uma ruptura estrutural, de maneira coletiva, por intermédio da educação.

**Tabela 03 – Opinião dos professores se atualmente o conteúdo de geografia agrária permite a formação de um aluno crítico**

<b>Respostas</b>	<b>Total</b>
A questão principal não está no conteúdo e, sim, na metodologia aplicada pelo professor	4
Com certeza	1
Não	1

Fonte: Professores da EMEF Raquiel J. Miranda, 2005. Org.: Camacho, R.S.

Sabendo que não há nenhum professor das séries/anos iniciais do Ensino Fundamental no município de Paulicéia que tem formação em

geografia, se faz necessário entender qual é a visão destes profissionais formados em pedagogia e em outras áreas acerca do objeto de estudo da geografia. Por isso, perguntamos aos professores: “Na sua concepção qual é o objeto de estudo da ciência geográfica?”. Pelas respostas apresentadas na **Tabela 04**, podemos dizer que existe, de forma geral, um conhecimento razoável em todas as respostas. Notamos que são conceitos que tem como pressuposto teórico os PCN’s, daí a importância que esses documentos adquiriram como principal referência teórica do professor.

**Tabela 04 - O objeto de estudo da ciência geográfica segundo os professores**

Respostas	Total
As mudanças que acontecem na paisagem, resultantes das ações humanas; as modificações do ser humano na natureza e no espaço; a interação do homem no espaço geográfico, as relações sociais e econômicas	4
O espaço físico e a relação do meio natural com os grupos sociais	1
Estudo do espaço, território e paisagem	1

Fonte: Professores da EMEF Raquel J. Miranda, 2005. Org.: Camacho, R.S.

Concebemos que hoje no Brasil não podemos discutir a questão agrária sem refletirmos a respeito dos movimentos sociais do campo. Por isso, entendemos ser fundamental para construirmos uma educação transformadora que os professores conheçam a essência dos movimentos sociais do campo que, na verdade, é a antítese do que apresenta o discurso ideológico neoliberal dos meios de comunicação de massa. Neste sentido, é mister que os

professores tenham acesso a informações acerca dos movimentos sociais para além desses discursos ideológicos que tentam destruir os movimentos sociais. Pois, é preciso, em sala de aula, desconstruir esses discursos da mídia para a construção de uma consciência libertadora por meio da educação. Por isso, a fim de sabermos de onde vem a fonte de informação dos professores a respeito dos movimentos sociais, perguntamos: “Que informações você possui a respeito dos movimentos sociais do campo?”. Infelizmente, como percebemos pela **Tabela 05**, é unânime a posição de que as únicas informações que os professores têm a respeito dos movimentos sociais são as informações divulgadas pela mídia. Podemos então levantar a séria hipótese de que os professores não conhecem na essência a realidade dos fatos. Logo, o ensino crítico, nesse caso, acaba limitado, principalmente, devido à realidade socioespacial, na qual, os alunos da escola pública estão inseridos, qual seja a vida em acampamento e assentamentos.

Todavia, é necessário ressaltar que o professor não é o único culpado pela desinformação, é necessário que os cursos superiores, principalmente na área de pedagogia que prepara para a atuação do professor nas séries/anos iniciais, e os cursos de licenciaturas em geral, comecem a repensar seu currículo, adequando-o a realidade local. Para que os professores entendam a importância de construir, junto com os estudantes-sujeitos do campo, uma reflexão acerca da questão agrária no Brasil. Comecem a pensar, também, a respeito da necessidade de efetivação em sala de aula da Educação do Campo. É imperativo que os professores tenham condições de ter acesso a

informações alternativas às que são impostas pelo modelo socioeconômico capitalista. Caso contrário, os professores continuarão sendo vítimas bombardeadas pelas informações dessa mídia burguesa, sem chances de se defender, visto que não tiveram uma construção teórica sólida a respeito do assunto.

**Tabela 05 - Informações que os professores possuem a respeito dos movimentos sociais do campo**

Respostas	Total
Pouco, apenas as informações divulgadas pelos meios de comunicação	6

Fonte: Professores da EMEF Raquel J. Miranda, 2005. Org.: Camacho, R.S.

Concebemos que a Geografia Crítica foi o nome dado à construção de uma geografia fundada por geógrafos, principalmente marxistas, que se iniciou, simbolicamente, em 1978. Logo, teria que haver, por parte dos professores, o conhecimento a respeito dessa corrente da geografia. Por entendermos ser essa a corrente teórica que consegue explicar o real - pois a dialética materialista é um método revolucionário, capaz de auxiliar na construção de outra realidade - resolvemos perguntar aos professores: “Qual é o seu conhecimento a respeito da Geografia Crítica?”. Com essa pergunta queríamos saber o que os professores das séries/anos iniciais conheciam a respeito do assunto. Percebemos por meio da **Tabela 06** que os professores nunca ouviram falar, ou, nunca leram, nada sobre a Geografia Crítica. Apenas uma professora respondeu, parcialmente, sobre o assunto, deduzindo que a Geografia Crítica se opõe à Geografia Tradicional.

Isto significa que os professores conhecem apenas a geografia descrita no PCN<sup>4</sup>, este documento comete uma série de equívocos teórico-metodológicos, pois, apesar da opção pelo subjetivismo e a fenomenologia, os autores utilizam vários métodos, inclusive o positivismo e o marxismo, fazendo na verdade um ecletismo que mais atrapalha do que ajuda o entendimento da geografia. Desta forma, constatamos o tamanho do desencontro, pois o debate da Geografia Crítica apesar de já estar consolidado na academia, inclusive, para alguns teóricos, já ultrapassado, sequer chegou aos professores da Educação Básica. É fundamental, então, pensar formas do conhecimento acerca da Geografia Crítica chegar aos professores do Ensino Fundamental, para que esta discussão não fique “aprisionada” somente com os intelectuais e pesquisadores da academia.

**Tabela 06 – O conhecimento dos professores a respeito da Geografia Crítica**

<b>Respostas</b>	<b>Total</b>
Pouco	3
Nenhum	1
Que crítica e aponta soluções	1
É a geografia num enfoque diferente do tradicional	1

Fonte: Professores da EMEF Raquel J. Miranda, 2005. Org.: Camacho, R.S.

Como a proposta de se trabalhar o ensino da geografia agrária nas séries iniciais não é de fazê-la de maneira isolada, e sim, de maneira

<sup>4</sup> Ver, mais profundamente, este assunto na dissertação de mestrado, no capítulo: “Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental: um debate teórico/ideológico/utópico”. Ou, no artigo da Revista Formação, n.15, v. 01: “Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) do Ensino Fundamental em debate.

interdisciplinar - pois temos que conceber o conhecimento como uma totalidade, pois a realidade é uma totalidade, fruto de múltiplas relações - por isso, perguntamos aos professores: “Como pode ser trabalhada a interdisciplinaridade a partir do conteúdo de geografia agrária?”. Como o assunto é pedagógico, e não específico da geografia, os professores demonstraram maior domínio do assunto como podemos ver na **Tabela 07**. E concordam que há possibilidade e necessidade do trabalho integrado a outras disciplinas, sempre partindo da realidade concreta desses alunos.

**Tabela 07 - Como trabalhar a interdisciplinaridade a partir do conteúdo de geografia agrária**

Respostas	Total
Relacionando a geografia com as outras disciplinas, sempre partindo do concreto	5
Através de projetos, envolvendo: textos informativos, teatralizações, maquetes etc.	1

Fonte: Professores da EMEF Raquel J. Miranda, 2005. Org.: Camacho, R.S.

Segundo algumas pesquisas, a geografia ainda continua sendo ensinada em sala de aula de maneira descontextualizada e de maneira insatisfatória. Neste sentido, decidimos ouvir à opinião dos professores a respeito dessa afirmação. Assim, perguntamos: “Você concorda com a afirmação: ‘a geografia agrária está sendo ensinada nas escolas de maneira descontextualizada e insatisfatoriamente’? Justifique”. Tendo em vista os resultados contidos na **Tabela 08**, podemos refletir acerca das respostas concluindo que, para a maioria, os professores não estão realmente preparados para ensinar este conteúdo, como já havíamos relatado. Para

alguns, esta afirmação varia dependendo à escola, ou seja, há diferenças e elas estão ligadas às condições de trabalho dos professores. Logo, devemos pensar formas de instrumentalizar os professores para que se sintam preparados para trabalhar a questão agrária em sala de aula, de maneira contextualizada e completa.

**Tabela 08 - A opinião dos professores a respeito da descontextualização da geografia agrária ensinada nas escolas**

<b>Respostas</b>	<b>Total</b>
Sim, pois os professores não estão preparados para ensinar este conteúdo	4
Parcialmente, pois isto depende da escola. Porém, cada dia que passa se trabalha mais com a realidade do aluno	2

Fonte: Professores da EMEF Raquel J. Miranda, 2005. Org.: Camacho, R.S.

A partir da **Tabela 09**, podemos confirmar a idéia de que os professores sabem a origem dos alunos, faltando, talvez, entender que é possível ensinar geografia a partir desta realidade. Vejamos a opinião dos professores quando perguntarmos: “Podemos afirmar que a questão agrária faz parte da realidade dos nossos alunos?” Notamos que todos os professores concordam que a questão agrária faz parte da realidade dos alunos da escola. Falta, então, entender que a geografia que se ensina pode e deve trabalhar de forma diferenciada e contextualizada a realidade desses alunos.

**Tabela 09 - Quantidade de professores que acreditam que a questão agrária faz parte da realidade dos alunos de Paulicéia.**

<b>Respostas</b>	<b>Total</b>
Sim	6

Fonte: Professores da EMEF Raquel J. Miranda, 2005. Org.: Camacho, R.S.

Para investigar a afirmação de que os professores não estão recebendo a formação necessária para trabalhar a questão agrária em sala de aula, perguntamos aos professores: “O que aprendeu sobre a questão agrária em sua formação acadêmica?”. Concluímos, observando a **Tabela 10**, que nenhum professor aprendeu, realmente, o necessário sobre a questão agrária em sua formação universitária. Sendo que para alguns essa questão nem foi abordada. Dessa maneira, o professor fica impossibilitado de trabalhar esse tema em sala de aula de maneira plena. Mostrando que a questão agrária está sendo ensinada a-criticamente e de forma superficial, num momento tão importante da vida das crianças, principalmente, às crianças oriundas do campo, onde o lugar de morada é seu ponto de referência. Evidenciando que precisa haver uma mudança no Ensino Superior para que ocorra uma mudança, também, na Educação Básica.

**Tabela 10 - O que os professores aprenderam sobre a questão agrária em sua formação acadêmica**

<b>Respostas</b>	<b>Total</b>
Muito pouco	3
Essa questão não foi abordada	1
Nada, só aprendi sobre paisagens e cartografia	1
Agricultura como fonte de riqueza para o país	1

Fonte: Professores da EMEF Raquel J. Miranda, 2005. Org.: Camacho, R.S.

Tendo em vista que os ciclos iniciais visam, de maneira geral, sobretudo, a alfabetização e o ensino das quatro operações fundamentais, muitos

professores consideram as outras disciplinas como menos importantes, por isso a fim de conhecermos a opinião dos professores a respeito desse assunto, perguntamos: “Você considera esse conteúdo menos importante do que os outros conteúdos ensinados em língua portuguesa e em matemática? Por quê?”. Felizmente percebemos que todos os professores acham o conteúdo de geografia tão importante quanto os outros conteúdos, mas quando trabalhado de forma interdisciplinar (**Tabela 11**). O que concordamos plenamente.

**Tabela 11 - A opinião dos professores a respeito da importância do conteúdo de geografia, comparado com o de língua portuguesa e o de matemática**

Respostas	Total
Não, porque se trabalhada de forma interdisciplinar, elas se completam.	6

Fonte: Professores da EMEF Raquiel J. Miranda, 2005. Org.: Camacho, R.S.

O PCN é a principal fundamentação teórica dos professores, e sendo, também, os PCN's e a LDB os documentos oficiais da nossa educação, tentamos saber qual é o conhecimento dos professores acerca de como os PCN's e a LDB tratam a questão agrária, perguntando: “Você conhece como é tratado esse assunto pelos PCN's e pela LDB?”. A **Tabela 12** indica que a maioria dos professores sabe superficialmente como a questão agrária é tratada nos PCN's e na LDB, ou seja, não o suficiente para que possa refletir criticamente sobre o assunto.

**Tabela 12 - Conhecimento dos professores de como é tratada a questão agrária pelos PCN's e pela LDB**

Respostas	Total
-----------	-------

Sim	1
Não	1
Superficialmente	4

Fonte: Professores da EMEF Raquiel J. Miranda, 2005. Org.: Camacho, R.S.

Com o intuito de aprofundarmos a opinião dos professores a respeito do PCN de geografia, perguntamos: “Que pontos positivos e que pontos negativos você pode apontar na abordagem do PCN sobre a questão agrária?”. A **Tabela 13** mostra que dois professores não quiseram responder por desconhecer o assunto. Em relação aos pontos positivos, a maioria dos professores acredita que o PCN trata essa questão de maneira crítica e a partir da realidade do aluno. Quanto aos pontos negativos, um professor acha que, ao contrário, o conteúdo não é adequado a realidade dos alunos. Porém, nenhuma resposta tocou na questão teórico-metodológica presente no PCN. Mostrando que os professores não tem tido contato com reflexões acerca das críticas ao PCN de geografia, por exemplo.

**Tabela 13 - Pontos positivos e pontos negativos da abordagem dos PCN's  
acerca da questão agrária**

<b>Pontos Positivos</b>	<b>Total</b>	<b>Pontos Negativos</b>	<b>Total</b>	<b>Respostas (Abstenções)</b>	<b>Total</b>
Enfoca a realidade do aluno com uma abordagem crítica.	3	Está fora da realidade do aluno.	1	Não conheço suficientemente o assunto para expressar minha opinião.	2
Serve como Parâmetro.	1	Muitos tópicos para um curto espaço de tempo.	1		

		Falta suporte técnico para trabalhar de forma interdisciplinar.	2		
--	--	---	---	--	--

Fonte: Professores da EMEF Raquiel J. Miranda, 2005. Org.: Camacho, R.S.

Para sabermos a opinião dos professores sobre como aprimorar seu trabalho em sala de aula, perguntamos: Como você avalia sua prática docente? Pela **Tabela 14** avaliamos que a maioria dos professores acredita que sua prática docente é boa, mas concordam que é preciso ler mais e se aperfeiçoar para conseguir trabalhar melhor e de forma interdisciplinar.

**Tabela 14 - Como os professores avaliam sua prática docente**

Respostas	Total
Ainda falta aprimorar mais meus conhecimentos, mas estou sempre lendo e buscando trabalhar com a realidade do aluno de forma interdisciplinar.	2
Boa, busco sempre me aperfeiçoar e trabalhar de forma interdisciplinar.	4

Fonte: Professores da EMEF Raquiel J. Miranda, 2005. Org.: Camacho, R.S.

Um dos problemas educacionais brasileiros é a falta de formação dos professores, a fim de analisar se existe esta problemática no município de Paulicéia, indagamos: “Quais cursos você concluiu?”. E podemos avaliar, analisando a **Tabela 15**, que não existe esse problema nessa escola no município de Paulicéia, pois todos os professores possuem uma formação específica para trabalhar com os ciclos iniciais e possuem nível superior<sup>5</sup>. Isso quer dizer que se existe um problema de compreensão a respeito da questão

<sup>5</sup> Apesar de haver dois professores que não tem formação em nível superior específica para os anos iniciais do Ensino Fundamental, se contarmos apenas com os quatro professores formados em pedagogia teremos uma amostra de 30% dos professores efetivos da escola.

agrária, este problema está na própria formação dos professores<sup>6</sup>, aqui a questão parece ser mais de qualidade do que de oportunidade de fazer cursos. Esse resultado mostra à necessidade de se repensar a formação acadêmica e continuada dos professores.

**Tabela 15 - Cursos concluídos pelos professores**

Cursos	Total
Magistério e Pedagogia	2
Magistério e Ciências Contábeis	1
Magistério e Economia	1
Magistério; Normal Superior; Ciências e Matemática; Especialização em Didática.	1
Magistério; Normal Superior e Educação Artística.	1

Fonte: Professores da EMEF Raquel J. Miranda, 2005. Org.: Camacho, R.S.

A fim de ouvir a opinião dos professores a respeito da pesquisa que desenvolvemos, pedimos a eles: “Escreva sugestões e críticas a respeito da pesquisa elaborada”. Por meio da **Tabela 16**, observamos que 50% dos professores acharam as perguntas difíceis, pois não conheciam o assunto. Os outros 50%, acharam as questões bem elaboradas e de acordo com a realidade dos professores.

---

<sup>6</sup> Todavia, não podemos deixar de considerar a formação continuada e as condições salariais e de trabalho, em geral precárias, nas quais se encontram submetidos os professores do Brasil inteiro, situação que diminui a possibilidade de continuarem se atualizando.

**Tabela 16 - Sugestões e críticas dos professores a respeito da pesquisa elaborada**

Respostas	Total
Achei complicada e difícil, pois não tinha conhecimento sobre o assunto.	3
Achei interessante, as questões foram bem elaboradas, de modo a proporcionar um retrato claro do pensamento e ação docente.	3

Fonte: Professores da EMEF Raquel J. Miranda, 2005. Org.: Camacho, R.S.

Em relação ao grau de dificuldade das questões, na opinião dos professores, como podemos observar na **Tabela 17**, a maioria dos professores avaliaram as questões como difíceis.

**Tabela 17 - Opinião dos professores a respeito do grau de dificuldade das perguntas**

Respostas	Total
Fáceis	2
Difíceis	4

Fonte: Professores da EMEF Raquel J. Miranda, 2005. Org.: Camacho, R.S.

Entretanto, apesar da maioria dos professores acharem as questões difíceis, como podemos perceber na **Tabela 18**, todos também consideraram as questões significativas. Mostrando assim, a importância da pesquisa na opinião dos sujeitos-professores entrevistados.

**Tabela 18 - Opinião dos professores a respeito da importância das perguntas do questionário estruturado**

<b>Resposta</b>	<b>Total</b>
Significativas	6
Sem-importância	0

Fonte: Professores da EMEF Raquel J. Miranda, 2005. Org.: Camacho. R. S.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com relação à pesquisa realizada com os professores das séries/anos iniciais, ouvimos suas opiniões a respeito da questão agrária, do ensino de geografia, e do PCN de geografia tendo em vista que os professores são peças fundamentais para a construção de um processo educativo transformador.

Nossa intenção nessa pesquisa não foi a de condenar os professores por causa de seu despreparo, pois os professores, na maioria dos casos, são vítimas de uma formação inicial e continuada precária, uma remuneração baixa e uma carga de trabalho sufocante que não permite o seu aprimoramento e a produção de pesquisa, separando docente e pesquisador. Assim, poderíamos pensar esta pesquisa como se fosse uma avaliação diagnóstica com os professores em referência a estes assuntos aqui abordados.

Este quadro de dificuldades, teóricas e de condições de trabalho, torna os professores vulneráveis à ideologia dominante, encontrando vasta dificuldade em compreender a essência da realidade. Este fato cria um forte

obstáculo para que os professores auxiliem no processo de desvendamento da realidade, tendo em vista uma mudança social.

Acreditamos que desde o problema da insatisfatória formação de professores e alunos até o problema da exclusão social dos moradores do campo e da cidade fazem parte de uma mesma totalidade de relações inclusas/subordinadas ao modo capitalista de produção, ou seja, nada é por acaso. Por isso, somente a ruptura com este modelo socioeconômico pode sanar os problemas pela raiz, daí a radicalidade do nosso entendimento sobre a questão. Dessa forma, confirmamos nossa posição de que produzimos ciência e trabalhamos com educação e ensino de geografia para a transformação social, a fim de questionar a desigualdade e opressão existente na essência do modo de produção capitalista (OLIVEIRA, 1994).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Miguel. Ofício de mestre. Petrópolis: Vozes, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia - 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental. 3. ed. Brasília: MEC/SEF, v. 5, 2001.

CAMACHO, Rodrigo Simão. Educação do campo: expressão da resistência cultural e política dos sujeitos do campo. In: PEREIRA, J. H. V.; ALMEIDA, R. A. (Org.). Educação no/do campo em Mato Grosso do Sul. Campo Grande, MS: UFMS, 2008. p. 135-160. (Fontes Novas).

CAMACHO, Rodrigo Simão. O ensino da geografia e a questão agrária nas séries iniciais do ensino fundamental. 2008. 462 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Aquidauana.

CAMACHO, Rodrigo Simão. O ensino de geografia e a questão agrária: refletindo a partir da prática em sala de aula. Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Três Lagoas, Três Lagoas, MS: AGB/TL, ano 5, n. 8, p. 26-50, nov. 2008.

CAMACHO, Rodrigo Simão; ALMEIDA, Rosemeire A. de. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) do ensino fundamental em debate. Revista Formação, Presidente Prudente: Unesp, v.1, n.15, p. 36-60. Disponível em: <[http://www4.fct.unesp.br/pos/geo/revista/artigos/4\\_camacho.pdf](http://www4.fct.unesp.br/pos/geo/revista/artigos/4_camacho.pdf)> Acesso em: 20 jun. 2009.

CAMACHO, Rodrigo Simão; ALMEIDA, Rosemeire A. de. Pesquisa e ensino em geografia: a educação do campo como instrumento de libertação. In: ALMEIDA, Rosemeire A. de. et al. (Org.). Práticas de ensino e de pesquisa em história e geografia. Campo Grande: UFMS, 2008. p. 47-62.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

HERNANDES, Fernando. Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 1998.

OLIVEIRA, Ariovaldo U. de. Educação e ensino de geografia na realidade brasileira. In: \_\_\_\_\_ (Org.). Para onde vai o ensino da geografia? .4. ed. São Paulo: Pinski, 1994. p. 135-144

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. A geografia: pesquisa e ensino. In: CARLOS, Ana F. A. (Org.). Novos caminhos da geografia. São Paulo: Contexto, 1999. p. 111-137.

STRAFORINI, Rafael. Ensinar geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2004.